

Memórias do Carvoeiro: entrevista com Jefferson Del Rios

Memories of Carvoeiro: interview with Jefferson Del Rios

ENTREVISTADO: JEFFERSON DEL RIOS VIEIRA NEVES^A

ENTREVISTADOR: ANDRÉ RODRIGUES DA SILVA^B

^a Crítico teatral. Membro da Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA).

^b Gerente de Patrimônio e Memória na Secretaria Municipal de Cultura de Ourinhos (SMC), licenciado em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) e Especialista em Gestão Pública Municipal (UEPG) e Gestão Cultural: cultura, desenvolvimento e mercado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial de São Paulo (Senac-SP).
E-mail: praxiscomtelos@gmail.com

Jefferson Del Rios Vieira Neves nasceu em Ourinhos, em 1943. Sua trajetória está ligada ao jornalismo cultural e de política internacional.

Jornalista e escritor, foi aluno do Centre de Formation des Journalistes, em Paris (1971-1973) e frequentou, na Universidade Sorbonne, cursos do teórico e crítico Bernard Dort, autor de *O teatro e sua realidade*, publicado no Brasil. Jefferson é casado com a jornalista e pesquisadora em arquitetura Beatriz Albuquerque.

Trabalhou nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, nas revistas *IstoÉ*, *Novos Estudos Cebrap* e *Bravo!*. Lecionou teatro brasileiro no Conservatório Nacional de Lisboa, dirigiu a Divisão de Artes Cênicas do Centro Cultural São Paulo (CCSP), projetos especiais no Memorial da América Latina e foi curador de exposições teatrais no Brasil, Argentina, Portugal e Espanha.

É autor dos livros *Ourinhos: memórias de uma cidade paulista* (Prefeitura Municipal de Ourinhos), *Bananas ao vento: meia década de cultura e política em São Paulo* (Editora Senac), *O teatro de Victor Garcia: a vida sempre em jogo* (Edições Sesc) e *Teatro, literatura, pessoas* (Edições Sesc), com críticas, entrevistas e perfis de escritores, jornalistas e personalidades das artes. Sua atividade no meio teatral, desde 1969, está reunida nos dois volumes de *Críticas de Jefferson Del Rios* (Coleção Aplauso, da Imprensa Oficial do Estado). Atualmente, é membro do Conselho Curador da Fundação Padre Anchieta (TV e Rádio Cultura).

1) Jefferson, conte-nos um pouco da sua infância na cidade de Ourinhos. O que havia de entretenimento/atividade cultural naquela época?

A minha infância e adolescência teve como base a esquina das ruas Nove de Julho e Rio de Janeiro, minha casa e, em frente, a de meus avós. Ali, meu pai foi proprietário da Casa dos Lavradores, armazém de secos e molhados. Ruas de terra onde passava boiada. Minhas andanças de menino incluíam o pátio da Rede Viação Paraná Santa Catarina com meus amigos, filhos de ferroviários. Ainda parece que sinto a fumaça das enormes locomotivas Mallet, a vapor, com rodas enormes que faziam o chão tremer. Nos fins de tarde, ia com um amigo ao “carvoeiro”, um ramal da ferrovia que terminava onde se despejava o que fora usado. Dali se descortinava toda a vista da Barra Funda, o caminho para a Vila São Luiz com suas paineiras floridas. Quando se iniciou o calçamento, a diversão era brincar na areia usada para assentar os paralelepípedos. Na esquina de cima, Rio de Janeiro com Sergipe (atual Antônio Carlos Mori), havia um terreno vago onde se instalavam os circos, maravilha dessa fase da vida. Evidentemente, eu andava pelo centro, isso quando a praça Melo Peixoto era realmente o coração de Ourinhos: lugar de passeio e onde havia as Casas Pernambucanas, a Foto Machado, as óticas Paris e Lisboa, a joalheria Fiorillo, as alfaiatarias Silva e

Casseta, a agência de automóveis Cury, a loja de tecidos Ao Preço Fixo, os bancos, a farmácia, o Bar e Restaurante Central, o Café Paulista, os jornaleiros Chico e Baiano, o Café Paratodos, a Livraria do J. C. Thomé, os armazéns Amaral e Zanotto e a Igreja Matriz. Nas proximidades, o ponto de taxistas (que chamávamos de “chofer de praça”), a Casa Alberto (calçados), a Sorveteria Cinelândia, o Cine Ourinhos, a papelaria Chiaradia, o Foto Sakai. Na rua Paraná, o Bar e Restaurante do Tide Salgueiro, outras farmácias, a Padaria Oriente, o Açougue União, comércio variado e, perto da Estação da Sorocabana, o Bar-padaria e restaurante Brizola, a banca de jornal e o ponto de ônibus intermunicipal. O centro social, festivo, político (os comícios eleitorais) e de negócios. Na esquina das ruas São Paulo e Rio de Janeiro, o terreno dos parques de diversões itinerantes (balanços, roda gigante, barracas de tiro ao alvo, apresentação de ventríloquos). No coreto da praça, o serviço de alto-falante tocava Glenn Miller e Francisco Canaro. Cresci nadando no rio Pardo. Tivemos um sítio próximo ao Paranapanema onde a mata ciliar era larga, protegendo o rio. Enfim, uma infância olhando a poderosa cachoeira que batizou o Salto Grande e desapareceu com a represa.

2) Você permaneceu em Ourinhos até 1963, período bastante tenso politicamente falando e, ao mesmo tempo, de efervescência cultural. Você se lembra de algum grupo teatral ourinhense?

A mais remota notícia desta atividade está em uma pequena nota, dos anos 1930, no jornal *A Voz do Povo*, publicação que durou anos. Lá está o anúncio de um grupo teatral de Congregados Marianos. Embora meu tio Sebastião Neves estivesse entre os integrantes, não encontrei mais informações. Tempos depois, existiu o Gato (Grupo de Amadores Teatrais de Ourinhos) que encenou *Morre um gato na China*, comédia de Pedro Bloch. Outra ocasião, anos 1950, um jovem, salvo engano, o Jairo Ribeiro, interpretou no teatro seu monólogo dramático *Serenata de Schubert*. Mais ou menos na mesma época, houve a representação do texto infantil *Pluft, o fantasminha* por Ary Christoni de Toledo, que se consagraria como ator e comediante. Ary Toledo é da família do pioneiro Ângelo Christoni, que estabeleceu a Vila Margarida (nome de sua mulher). No começo dos anos 1960, o médico Octavio Morales Moreno encenou *Paíol velho*, de Abílio Pereira de Almeida. Do elenco fazia parte Benedito da Silva Eloy, que fundaria o *Jornal da*

Divisa. É neste período que Sérgio Nunes surge como um jovem interessado em teatro. Da minha parte, me aventurei a iniciar o Teatro Estudantil de Ourinhos (TEO), de breve duração. Fizemos dois espetáculos locais e outros em Candido Mota e Cornélio Procópio. Um dos textos foi *O escravo*, de Castro Soromenho. Encenamos ainda a dramatização de um júri. Estávamos planejando apresentar *Eles não usam black tie*, de Gianfrancesco Guarnieri, mas o grupo se dissolveu porque mudamos da cidade.

Reitero que, na Ourinhos daqueles anos, os circos estavam muito presentes sempre com um segundo ato dedicado aos chamados “dramas”. Durante o dia, os artistas, heróis e vilões da noite anterior faziam compras em nosso armazém. Nunca esquecerei *O Circo América*, da família Benelli Dantas. Procurei-a em São Paulo na esperança de rever o palhaço “Linguíça” (Jorge Dantas), engraçadíssimo, e sua irmã Lídia, a loira do número misterioso e sensual de dança, com o palco iluminado de azul. Todos já se foram. “Linguíça”, que sem maquiagem fazia papéis românticos nos dramas, está sepultado em Araraquara, e Lídia em Foz do Iguaçu. Vida de saltimbancos. A cantora Simony descende desta estirpe de artistas populares.

3) Em Ourinhos, durante o período da ditadura militar (1964-1985), houve um caso de uma peça teatral, exibida no auditório do Conservatório Musical Santa Cecília, interrompida pela polícia. Embora não estivesse mais morando em Ourinhos, como foi esse período para você?

Tenho uma lembrança distante do incidente, mas não sei qual o motivo e quem esteve envolvido. Acho improvável ter sido um caso de polícia.

4) O momento atual, para alguns historiadores e sociólogos, tem relembreado a dicotomia do período conhecido como “Guerra Fria” (1945-1989). Inclusive, o próprio presidente da República fala de “ameaça comunista” e chama a ditadura militar brasileira de “ditabranda”, havendo muitas pessoas que enxergam por este mesmo prisma. Você, enquanto testemunha ocular daquele momento e destacado crítico teatral, o que tem a nos dizer? Havia muita repressão aos atores e censura aos críticos

teatrais? Como sente e lida com o cenário político encarado no presente?

“Ditabranda” foi um termo equivocadamente de um editorial do jornal *Folha de S. Paulo*, que posteriormente reconheceu o erro. Como o jornalista Elio Gaspari descreve em seu monumental estudo do período (cinco volumes), a partir do Ato Institucional nº 5, de 1968, que escancarou a ditadura, estabeleceu-se o “Terror de Estado”, com cassação de políticos, prisões arbitrárias, exílios, torturas e mortes – ação livre da repressão militar-policial que, entre outros crimes, assassinou o brilhante jornalista Vladimir Herzog, com quem trabalhei. Vlado, como o chamávamos, tinha apenas 38 anos. A família veio da Europa fugindo do nazismo. A diretora teatral Heleny Guariba, que lançou Sônia Braga, desapareceu aos 30 anos na “casa da morte”, centro de execução em Petrópolis (RJ). Dezenas de peças foram proibidas, artistas presos; os diretores teatrais Augusto Boal e José Celso Martinez Correa se exilaram, assim como o dramaturgo Plínio Marcos e tantos mais. Caetano Veloso e Gilberto Gil estiveram durante meses em um quartel. Geraldo Vandré, Chico Buarque, Marieta Severo, Nara Leão, o cineasta Cacá Diegues e a atriz Norma Bengell saíram do país. Em “Não chore mais”, Gilberto Gil é bem claro: “Amigos presos, amigos sumindo assim/ Pra nunca mais”; e Caetano acrescenta: “Vamos passear nos Estados Unidos do Brasil/ debaixo das bombas/ das bandeiras, debaixo das botas”. Geraldo Vandré, caçado ferozmente, escapou por pouco e foi para o Chile e França. Ao regressar, o autor da obra-prima “Disparada” não voltou a compor e a cantar.

Quanto ao momento atual, na esfera federal, tenta-se destruir a inteligência, basta ver o abandono de algumas instituições: a Cinemateca Brasileira, em São Paulo, a maior da América Latina, que abriga cópias de toda a cinematografia nacional e raridades estrangeiras; o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), a Fundação Casa de Rui Barbosa, instituída para a pesquisa em literatura, museologia, arquitetura, urbanismo, arqueologia e educação, com seus cursos, oficinas e projetos culturais.; a Fundação Cultural Palmares, destinada à divulgação e preservação dos valores culturais, históricos, sociais, econômicos e da influência negra na formação da sociedade brasileira; a Fundação Nacional de Artes (Funarte), órgão cuja missão é promover o desenvolvimento e a difusão das Artes no país. A cultura é tratada como a Amazônia, o Pantanal e os indígenas.

5) Voltando a Ourinhos: Sérgio Nunes, ator e diretor de teatro ourinhense, teve bastante projeção local e regional. Na cidade, há dois equipamentos culturais que levam seu nome: Núcleo de Arte Popular Sérgio Nunes (1996) e Concha Acústica Sérgio Nunes (2016), e anualmente a Secretaria Municipal de Cultura realiza a Mostra Sérgio Nunes de Artes Cênicas. Como você avalia a importância de Sérgio Nunes? O nome dele se restringiu ao âmbito local ou também reverberou pelos rincões de São Paulo e demais capitais?

Conheci Sérgio bem jovem e entusiasmado pelo teatro; depois, o acompanhei de longe. Ele seguiu em frente, sempre lutando em ações culturais. Por falar em reconhecimento, vamos lembrar também da cantora Vânia Bastos e do maestro e compositor Gil Jardim, diretor artístico e regente titular da Orquestra de Câmara da Universidade de São Paulo (USP); no exterior, Jardim dirigiu orquestras: a Brooklyn Academy of Music Symphony Orchestra (Nova York), a Royal Philharmonic Concert Orchestra (Londres), a Camerata Mexicana (México), a Orquestra Regionale del Lazio (Itália) e a Orquestra de Camara Mayo (Buenos Aires); de Hermelino Neder, professor de música na USP, compositor e arranjador, autor de trilhas sonoras de filmes como *A dama do Cine Shanghai*, com Maitê Proença e Antonio Fagundes, que ganhou o prêmio de melhor trilha sonora no Festival de Gramado – Hermelino foi o primeiro compositor procurado por Cássia Eller quando ela assinou contrato com uma grande gravadora; de Ary Toledo, que foi ator do Teatro de Arena antes de seguir o caminho do humorismo; de Antônio Abujamra, da família de um pioneiro, e um dos maiores diretores teatrais do Brasil; da atriz Mara Carvalho.... Sabemos que a pianista Gisele Nacif, também ourinhense, é aclamada pela crítica de Nova York e vem atuando em recitais no Brasil, Estados Unidos e Europa. E o cineasta Joel Yamaji, professor da Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA), realizou o filme *Cartas de Ourinhos*. Talentos que estudaram na Escola Municipal de Bailado de Ourinhos hoje estão na São Paulo Cia de Dança (SPCD) e em outras companhias brasileiras, no Uruguai, Estados Unidos e Europa (esta arte está documentada no livro *Ourinhos cidade da dança*). Entre os pioneiros da dança, nunca é demais aplaudir o trabalho de Lallo de Freitas, Toshie Kobayashi, Vanderley Silva e Terezinha de Paula, a estimada Tiririka.

6) A cultura, muitas vezes, é considerada um “luxo” ou algo “superficial” por dirigentes políticos e membros da sociedade. Quando o período econômico é favorável, é vista como “gasto”, e no cenário oposto, “desperdício” e “dispensável”. Quais foram as instituições culturais em que você trabalhou e, ao seu ver, qual é o papel delas e das demais organizações do tipo na sociedade?

Todo país ou cidade de governo civilizado tem a cultura entre suas prioridades. Em 1958, o prefeito de Ribeirão Preto convidou o artista plástico ítalo-brasileiro, Bassano Vaccarini, para restaurar edifícios. Em 1992, o mesmo Bassano, ex-professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), foi chamado pela Prefeitura de Altinópolis para criar a Praça das Esculturas, iniciativa que chamou atenção para a cidade. Ourinhos tem o artista visual Henrique Oliveira, reconhecido no Brasil e internacionalmente. Ele participou de exposições em espaços importantes, como a Bienal Internacional de São Paulo; o Museum of Fine Arts, Gifu, no Japão (2018), onde recebeu um prêmio pelo conjunto de sua obra; a Galeria Van de Weghe, de Nova York (2017); a Galeria Millan, de São Paulo (2016); a Galerie Georges-Philippe & Nathalie Vallois, de Paris (2015); o Museu de Arte Contemporânea da USP; a Arthur Ross Gallery da Universidade da Pensilvânia, Filadélfia (2014); a Palais de Tokyo, de Paris, o Boulder Museum of Contemporary Art, de Boulder (2011), entre outros. Seu irmão, Arthur Oliveira, é arquiteto e proprietário da loja Movelaria, em Ourinhos.

Ao longo de vários anos, Ourinhos estabeleceu uma agenda de festivais de música, dança, teatro, literatura, além de um cineclube, o que não pode parar. Toda esta atividade é favorável à imagem municipal, atrai o turismo cultural com reflexo no comércio e hotelaria. Sobre a questão econômica, Matthias Makowski, diretor do Instituto Goethe, de São Paulo, declarou em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo*:

Nós sabemos bem atualmente o quão importante é o fator cultura para o ambiente empresarial. Como centro econômico, a cidade de Munique é atrativa também porque a infraestrutura cultural para empresas, seja de qual for a sua origem, é um fator econômico positivo. Aliás, São Paulo me parece ser um caso semelhante. Está comprovado cientificamente que o fator ‘cultural’ de uma localidade não só gera empregos, como também motiva empresas a investirem e

é, atualmente, um critério fundamental de decisão para a instalação de uma empresa. (Makowski apud Cáceres, 2020)

Há outras iniciativas, como a Festa Literária Internacional da Mantiqueira (Flima), uma iniciativa cultural independente, com sede em Santo Antônio do Pinhal (menos de 10 mil habitantes), que desde 2018 desenvolve atividades de difusão de literatura, formação de leitores e promoção do livro em quatro cidades da Mantiqueira Paulista: Campos do Jordão, Monteiro Lobato, São Bento do Sapucaí e Santo Antônio do Pinhal. As duas primeiras edições da festa, em 2018 e 2019, foram realizadas com recursos obtidos via financiamento coletivo (sem leis de incentivo ou apoio de editais). Foram cerca de 200 atividades e 20 mil participantes. Na cidade histórica de Tiradentes (MG) (cerca de 12 mil habitantes), a Mostra de Cinema de Tiradentes é um evento de vanguarda com programação cultural gratuita. Em nossa região, o Conservatório de Tatuí é uma das mais bem sucedidas ações no setor cultural no estado de São Paulo.

A Ourinhos atual tem poetas, autores de literatura infantil, pintores, atores e atrizes, bailarinos, memorialistas e pesquisadores, como o dr. Clovis Chiaradia, autor do *Dicionário de palavras brasileiras de origem indígena* (Editora Limiar, 2008). Uma história artístico/cultural que vem de longe. Nos anos 1950, despontou o estudante-poeta Milton Gil, que morreu cedo. Em 1915, três anos antes de Ourinhos se tornar município, já existia a Corporação Musical Sete de Setembro.

7) Sobre suas viagens profissionais e vínculos com o jornalismo, teatro, literatura e política, você foi correspondente da *Folha de S. Paulo* em Portugal na época da “Revolução dos Cravos”. Gostaria que falasse um pouco sobre essas temáticas e, como um jovem do interior do estado de São Paulo, tenho uma curiosidade: como foi traçar essa trajetória?

Fui enviado a Portugal com 32 anos, experiente na profissão, uma missão de grande responsabilidade. Vivi em Lisboa entre 1975 e 1977, quando, além de correspondente da *Folha de S. Paulo*, fui convidado a lecionar nossa dramaturgia no Conservatório Nacional de Lisboa. Nesse período, criei fortes laços no país, com diretores e atores, com jornalistas e escritores, como José Saramago e Inês Pedrosa (publicada no Brasil). Sou neto de portugueses, o que está expresso no sobrenome Neves.

Meu avô é da ilha da Madeira e minha avó de Mira, bonita cidadezinha à beira mar, entre Lisboa e Porto. A família de minha mãe, Henriqueta Vieira Neves, é da região de Avaré, São Manuel e Botucatu.

Ir para a capital sempre foi natural para jovens do interior e, chegando a São Paulo, passei a viver com o que ganhava no meu trabalho. O jornalismo e a atividade como crítico teatral me permitiram correr o mundo, de Lisboa a Estocolmo, de Londres a Istambul, de Jerusalém a Tel Aviv. Por minha conta, percorri a América do Sul, da Patagonia até Machu Pichu, no Peru; e a trabalho estive também na Venezuela, Equador (em 1978, nas eleições em que o país se livrava de um período militar), Colômbia e Cuba.

Meu pai, João Neves (1913-1973), foi um comerciante de porte médio até 1959, quando encerrou suas atividades. Meu avô paterno, José das Neves Junior (1890-1955), teve a fazenda Figueira, de café, na região de São Pedro do Turvo (o posto de saúde local tem o nome de um filho dele, meu tio Constantino Neves). Construiu um dos primeiros sobrados da cidade, que ainda existe na mesma esquina da Rio de Janeiro com a Nove de Julho, onde morei durante a infância. Há uma rua com seu nome diante do Fórum. A família Neves era grande e conhecida, mas duas gerações e meia se passaram. Meu pai e seus onze irmãos já se foram. Entre meus primos, José Carlos Neves Lopes, falecido em 1º de abril de 2021, trabalhou na Secretaria Estadual de Educação de São Paulo e teve importância na divulgação da história de Ourinhos através do blog *Ourinhos dos anos 1910 aos anos 1980*, assim como tornou conhecido o extenso trabalho fotográfico de seu pai, Francisco de Almeida Lopes. O tempo passou, mas estou ligado à cidade e aos amigos. Suponho ser dos poucos que foram à Vila Bertioiga, na Zona Leste paulistana, só para conhecer a rua Ourinhos.

8) Como foi a experiência de trabalhar diretamente nas administrações públicas municipal (Mário Covas – PMDB) e estadual (Franco Montoro – PMDB) no período historicamente conhecido como “redemocratização”? Qual era o seu papel?

Vale lembrar que fui candidato a deputado estadual por Ourinhos, em 1982, quando foram eleitos Esperidião Cury e o dr. Clovis Chiaradia, prefeito e vice-prefeito. André Franco Montoro foi eleito governador neste ano. Todos pelo PMDB, o partido histórico de

oposição à ditadura e ao seu partido, o Arena. Fizemos uma campanha inovadora porque, em vezes anteriores, os candidatos a deputado ficavam em média com 3 mil votos. Tive 10 mil em um eleitorado com por volta de 33 mil; 2 mil votos na capital e mais de mil no estado, muito provavelmente de meus leitores. Um total de 13.845 votos. Não me elegi, mas Franco Montoro e Mário Covas me cumprimentaram pelo desempenho. Nesta campanha, e nas Diretas Já, convivi com ambos e com Ulysses Guimarães, Almino Afonso, Severo Gomes, Roberto Gusmão, Leonel Brizola e Fernando Henrique Cardoso. Já havia trabalhado no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), fundado por Fernando Henrique. Quando Montoro organizou sua assessoria de comunicação, foram convocados jornalistas de confiança, claro. A filha dele, a poeta e jornalista Mônica Montoro, foi uma boa amiga. Atuei no cotidiano duro da equipe de imprensa do governo e nas campanhas das Diretas e da eleição indireta de Tancredo Neves. Viajei com Montoro e Tancredo, com quem tive simpáticas conversas sobre literatura, Minas Gerais e o sobrenome comum. Uma noite, Montoro e eu ficamos no Palácio dos Bandeirantes, já vazio, só os dois no gabinete, redigindo textos, e ele me falando de seu pai, tipógrafo italiano, e da mãe espanhola.

9) Você esteve ligado às articulações políticas para a criação em Ourinhos do Teatro Municipal Miguel Cury, inaugurado em 1988, durante o mandato do então prefeito Esperidião Cury (PMDB). Na época, até o ator Gianfrancesco Guarnieri esteve aqui e sondou-se a possibilidade de homenageá-lo, batizando o teatro com o seu nome. Também houve boatos de que o espaço levaria o nome do “Grande Otelo”, pois segundo Esperidião Cury, este fora seu amigo...

Gianfrancesco Guarnieri esteve em Ourinhos para apoiar minha campanha, em 1982. Em seu discurso, pediu que Esperidião Cury, se eleito, dotasse a cidade de um teatro, o que se cumpriu. Guarnieri não tinha dessas vaidades e não pediu nada. Eleito, Esperidião me perguntou sobre Grande Otelo – que realmente fora seu colega no Liceu Coração de Jesus, em São Paulo. Argumentei que também se poderia pensar em outros nomes, mas o prefeito acabou por escolher o nome do pai. Miguel Cury foi um homem respeitado, representante da marca Chevrolet, dono da Autoviação Ourinhos-Assis (Avoa),

mas o nome do teatro poderia ser mudado. Santa Cruz do Rio Pardo tem o Palácio da Cultura Umberto Magnani, ótimo ator e filho da terra.

10) A década de 1980 foi um momento de eclosão cultural, com a instalação de equipamentos culturais em São Paulo e em todo o Brasil e de políticas públicas para essa área, a exemplo da criação do Ministério da Cultura (1985) e da “lei Sarney”, que posteriormente se tornou Lei Rouanet. Localmente, foi o período que Ourinhos ganhou seu teatro e a Diretoria Municipal de Cultura (1987). O cenário recente, porém, é o oposto, com o Ministério da Cultura extinto em 2019 e a Lei Rouanet sofrendo cada vez mais ataques. Na sua opinião, qual é a importância das políticas públicas para a cultura em um país onde se prioriza o curto prazo e a efemeridade, ligados apenas às políticas de governo?

A cultura é fundamental na formação de um país. Sem cultura e educação para todos, não há progresso. Em Portugal, depois de uma ditadura sinistra de 48 anos, logo que voltou a democracia, em 1974, a cultura imediatamente voltou a ser apoiada. Na França, o presidente general Charles De Gaulle, herói da Segunda Guerra Mundial, chamou para Ministro da Cultura o escritor André Malraux, um dos intelectuais mais importantes do século XX, que restaurou a Paris afetada pela ocupação alemã, escurecida pela pátina do tempo, e criou Casas da Cultura, expandido conhecimento e arte para todo país.

11) Ourinhos é uma das cidades do estado de São Paulo com mais festivais ligados às artes, além da quantidade significativa de equipamentos culturais (teatro, concha acústica, bibliotecas, escolas de música e bailado, museu, centros de memória e centro cultural). Desde a criação da Diretoria Municipal de Cultura, em 1987, Ourinhos vem investindo no mínimo 1% de seu orçamento em atividades culturais – porcentagem que, para o nível do Brasil, é relativamente alta. Entretanto, ainda não há um Conselho Municipal de Políticas Culturais, uma lei de incentivo cultural e tampouco um Plano Municipal de Cultura. Como você avalia

esse cenário e qual é a importância dessas ferramentas para o município?

Espero que o prefeito (estive no casamento de seus pais), formado em Direito e Jornalismo, com preparo e experiência política, deixe como legado um Plano Municipal de Cultura fixo, definido por um Conselho, se for o caso. Ourinhos hoje é um polo regional universitário e de comércio, indústria, agropecuária e medicina. Merece que o Museu e sua equipe sejam assessorados por especialista em museologia. Além de reunir objetos antigos, precisamos de uma visão histórico-pedagógica, da descrição de cada item do acervo. Enquanto aquele bebedouro de ferro, no largo da Estação, estiver caído de lado, apenas com uma pintura antiferrugem, estará esquecido o período em que as cargas que chegavam pela ferrovia eram transportadas por dezenas de carroceiros que cruzavam a cidade. O bebedouro, uma arte em ferro, fabricado em Sorocaba, deve funcionar ou ser exposto com a devida explicação de sua origem. Falta-nos uma Rua dos Ferroviários, que poderia ser a atual Engenheiro Frontin, paralela aos trilhos. Frontin foi importante em engenharia, mas no Rio de Janeiro, no começo do século XX. Ourinhos teve um numeroso contingente ferroviário (nas oficinas, no reparo das linhas e todo pessoal dos trens), prefeitos e vereadores ligados à administração da antiga Rede de Viação Paraná-Santa Catarina. Contamos com uma das melhores documentações fotográficas do estado sobre o cotidiano, a *Evolução da cidade*, mérito de Francisco de Almeida Lopes – pai do meu primo, o historiador José Carlos Neves Lopes –, que trabalhou nos escritórios da Rede desde quando a ferrovia era inglesa. Este material precisa ser restaurado, catalogado, exposto e editado em livro.

12) O seu livro *Ourinhos: memórias de uma cidade paulista*, publicado em 1992, no final da gestão do prefeito Clóvis Chiaradia, é considerado um “clássico” para quem quer iniciar os estudos e pesquisas sobre o município. De onde surgiu a ideia para o projeto e como foi o processo de escrita e financiamento? Quais foram os maiores desafios?

Fiquei gratificado com esta definição porque, sem vanglorias, sei que trouxe uma contribuição. O professor Antonio Candido, crítico literário e estudioso da cultura interiorana, no ensaio *Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*, disse

que meu livro é “a melhor monografia sobre uma cidade do interior” que havia lido (não pedi que declarasse por escrito). Está incluído nas bibliotecas de história e geografia da USP, Unicamp, Unesp e no setor brasileiro da Biblioteca do Congresso, de Washington. A edição virtual está no site da Universidade Estadual do Norte do Paraná. O livro foi editado pela Prefeitura Municipal de Ourinhos, na gestão do prefeito Clóvis Chiaradia (1989-1992), com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura e da Imprensa Oficial do Estado. Foram dois anos de pesquisa intensa, que relato no prefácio. O problema é que está esgotado e jamais foi reeditado. Imaginei que estaria em currículos, que motivaria debates. A razão deste silêncio, deixo à consideração da administração pública e às demais pessoas envolvidas com a cultura.

13) Desde a década de 1980, Ourinhos vem passando por uma expansão urbana contínua que, muitas vezes, sacrifica o patrimônio cultural edificado (aquele de pedra e cal) que por muitos anos compôs a paisagem urbana da cidade e permeou a construção identitária dos que aqui viveram e ainda vivem. Essa não é uma exclusividade de Ourinhos, mas acontece em várias cidades do Brasil: o “velho” ser suplantado pelo “novo”. Sabemos que essa visão faz parte de uma certa mitologia do progresso e que, como disse Walter Benjamin, “por onde ele passa, deixa destruição e muitas vezes sequer olhamos seus escombros pelo retrovisor da história”. Qual é a importância do patrimônio cultural nesse sentido e como você visualiza essa situação em Ourinhos e no Brasil?

O estudo *Morte e vida de grandes cidades*, da urbanista e ativista social canadense Jane Jacobs (2011), que deveria ser leitura obrigatória dos prefeitos, administradores públicos e agentes culturais, faz essas considerações em sua abertura:

O livro questiona o desenvolvimento do planejamento urbano nas cidades e os princípios de reurbanização em contrapartida às questões de natureza socioeconômicas. O seu foco principal decorre do indispensável conhecimento sobre

o funcionamento e necessidades das cidades para, com isso, acumular informações em prol das diretrizes coerentes para o planejamento urbano. A cidade é um grande cenário de vivências, das relações de poder, diferenças sociais, arquitetônicas, de paisagens e da falta de respeito com o principal personagem, o indivíduo enquanto cidadão. No seu relato, há uma crítica evidente em relação à função, uso e ocupação das construções, atrelado a infraestrutura, que não valoriza a escala humana, com um crescimento urbano indiferente às necessidades de cunho social.

Ourinhos deixou vir abaixo a Igreja Matriz da praça. Independentemente de religião, a capela ou matriz é o ponto inicial das cidades ibéricas e latino-americanas. São Paulo nasceu assim. Nossa “igreja velha” poderia ser transformada em centro comunitário, biblioteca ou museu. O mesmo aconteceu com a praça original, suas alamedas sinuosas e uma vegetação densa, florida, onde ao entardecer assistia-se à revoada das andorinhas. Deixou-se igualmente desaparecer o casarão-jardim do médico e ex-prefeito dr. Hermelino Leão, que daria um centro cultural. A praça antiga teve bancos doados por pessoas – uma delas, meu avô – e firmas ourinhenses que também contam um pouco da nossa história. Sobraram alguns em outras praças. A cidade não pode crescer ao acaso até cair no Paranapanema e no rio Pardo. Planejamento urbano e preservação arquitetônica são vitais.

Em resumo, a cidade precisa se dar conta de que no seu brasão há uma árvore. É o Jaracatiá, originária da mata atlântica, existente de Minas Gerais ao Rio Grande do Sul. Esteve na praça desde a criação de Ourinhos. Morreu a antiga, foi plantada outra no local. Tem ainda um simbolismo?

REFERÊNCIAS

CÁCERES, A. Financiar a cultura é um gasto ou investimento? **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 4 jan. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3fKi3rV>. Acesso em: 22 jul. 2021.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.